

A mais querida comediante da América teve alguns tropeços sérios no longo caminho que a conduziu à fama

A Verdadeira História de Lucille Ball

Eleanor Harris

NO ANO PASSADO, três acontecimentos televisionados fascinaram o público dos Estados Unidos.

Vinte e nove milhões de norte-americanos assistiram à posse do Presidente Dwight D. Eisenhower. Quase 33 milhões assistiram à coroação da Rainha Elizabeth. O terceiro acontecimento, entretanto, despertou interesse maior que os dois anteriores, quando mais de 40 milhões de americanos ligaram os seus aparelhos de televisão a fim de assistirem à versão dramatizada do nascimento de um filho da atriz Lucille Ball, no programa intitulado *I Love Lucy* (Eu amo Lucy).

O verdadeiro nascimento da criança foi noticiado na primeira página de jornais em todo o mundo—como

convinha à criança que maior publicidade já recebera nos Estados Unidos. Diz a respeito um portavoz da Associated Press: “Na cobertura do nascimento trabalhamos como se trabalha na guerra, com boletins de hora em hora.”

Lucille Ball (na vida privada Sr.^a Desi Arnaz) tornou-se uma das mulheres mais famosas dos Estados Unidos. *I Love Lucy* é e vem sendo durante o espantoso período de dois anos e meio o

programa número um em popularidade da TV nos Estados Unidos. Por quê?

A resposta está na história extraordinária de uma mulher para quem a vida começou aos 40 anos, idade em que lhe foi dado obter um êxito



Gosta de azeite de oliva?

Pois agora há um óleo para salada com aquele sabor tradicional!



EXPERIMENTE
PRIMA-DONA

NA MESA... NADA IGUAL!



UM PRODUTO Swift

sensacional e em que teve o seu primeiro filho. E ambos êsses milagres aconteceram porque ela teimou em procurar a felicidade num casamento que todos os seus amigos consideravam um fracasso. Eis como aconteceu.

Lucille nasceu a 6 de agosto de 1911, em Jamestown, Estado de Nova York. Tinha quatro anos quando perdeu o pai e foi viver no casarão do seu avô Hunt. Nos seus tempos de escola vivia fugindo:

—Eu pedia licença para ir beber água e não voltava—conta ela.—Punha-me a caminhar para Nova York e andava, andava, até que alguém me levava de volta para casa.

As fugas eram sintomas de uma das suas principais características: atividade incessante. Com a idade de dez anos começou a arranjar empregos durante as férias de verão:

—Meu primeiro emprêgo foi guiar um cego, vendendo sabonetes de porta em porta. Depois disso trabalhei no balcão de refrescos de um *drugstore*; fui vendedora numa casa de modas e vendi cachorros-quentes e pipocas num parque de diversões.

Organizava espetáculos teatrais com a participação da meninada da vizinhança, usando como palco o galinheiro.

—Não me lembro de tempo algum em que eu não sentisse vontade de representar.

Entre fugas e empregos, Lucille ia inconscientemente acumulando a filosofia da vida que a tem guiado desde então:

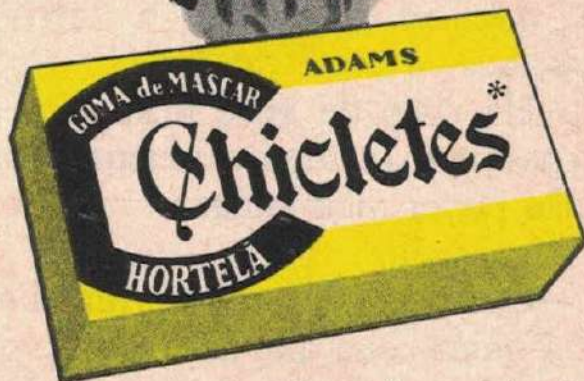
A HISTÓRIA DE LUCILLE BALL

—Grande parte dessa filosofia originou-se nos conselhos que recebi de minha família. Diziam-me em casa que tudo que a gente dá recebe de volta, e eu acredito nisso. Aconselhavam-me a cuidar eu mesma de mim, para não ser preciso que os outros cuidassem. E, sobretudo, aconselhavam-me a não aceitar nada pela metade, mas a saber o que queria e depois descobrir o jeito de o obter. Para mim, êsse conselho serve tanto quando se trata da escolha de um par de sapatos como da escolha de um amigo: se a gente exige boa qualidade, obtém o mais durável e o melhor.

Quando tinha 16 anos, a pungente impaciência por conseguir uma carreira no palco fê-la decidir-se (com o consentimento da mãe) a abandonar o curso secundário e entrar para uma escola dramática em Nova York. Mas depois de vários meses de curso de elocução, dicção e dança, a direção da escola escreveu à Sr.^a Ball uma carta enérgica: Lucille não tinha a menor vocação para atriz. “Leve-a de volta para casa”, concluía a carta.

Voltar para Jamestown, quando havia declarado públicamente que ia ser atriz em Nova York? Lucille se recusou terminantemente. Respondendo a um anúncio de jornal, candidatou-se a corista de Ziegfeld, e durante quatro venturosas semanas freqüentou os ensaios (sem ordenado). E então, para seu grande desapontamento, foi despedida antes da estréia da peça. Nos meses seguintes ensaiou em outras grandes revistas e de tôdas as vêzes foi igualmente

Um hálito puro
como o encanto
da juventude



tão refrescantes!
tão deliciosos!

*MARCAS
REGISTRADAS

24.034

despedida sem receber um tostão.

—Afinal descobri o motivo— conta ela.—Eu tinha tanto medo que nunca abria a bôca e ninguém me notava.

Na grande cidade atravessou fases de extrema necessidade e adquiriu o costume de esconder pãezinhos na bôlsa tôda vez que tinha um convite para comer num restaurante.

—Por fim habituei-me a levar na bôlsa um saco de papel para guardar o pão com manteiga.

Após dois anos perdidos, resolveu desistir do teatro.

—Queria matar-me, mas não descobria uma forma conveniente de suicídio. De sorte que certa manhã levantei-me, após uma noite em claro, e arranjei um emprêgo de modêlo.

Mas Lucille não se sentia bem entre as colegas, elegantes e cheias de si. Sentia-se uma estranha. De certo modo foi um alívio ter apañhado pneumonia e ficado sem trabalhar durante várias semanas. Mas o alívio virou angústia quando, sarada a pneumonia, começaram a aparecer-lhe dores agudas nas pernas. Os médicos deram-lhe a terrível notícia:

—Há risco de você ficar com as pernas permanentemente paralisadas e não poder mais andar.

Diz Lucille:

—Como não dispunha de dinheiro, fiz a única coisa que me restava: fui para o hospital como indigente. Depois voltei para casa, em Jamestown, onde fiquei de cama.

Durante muitos meses estêve completamente inválida. Tôdas as noites, depois de vender vestidos o dia inteiro numa loja, sua mãe fazia-lhe massagens nas pernas. Finalmente, Lucille pôde andar, primeiro com o auxílio de muletas, depois duma bengala. Durante algum tempo usou pesos de dez quilos nos sapatos. Levou dois anos para ficar completamente curada.

E, depois de curada, que fêz Lucille? Voltou diretamente para Nova York, onde obteve novo emprêgo de modêlo.

ERA EM 1933 e Lucille tinha 22 anos. Com essa idade não estava mais perto duma carreira teatral do que seis anos antes, quando impulsivamente abandonara a escola. Verdade é que, como modêlo, progredira e o seu retrato já aparecia em cartazes por tôda a parte. Mas continuava passeando pela Broadway na hora do almôço, olhando cobiçosamente os cartazes dos teatros.

E foi justamente num dêsses passeios de hora de almôço que topou com um agente teatral que disse por acaso:

—O empresário Goldwyn selecionou 12 coristas para um filme musical em Hollywood, mas à última hora uma das pequenas não pôde ir. O pessoal de Goldwyn está desesperado . . .

Mas o homem ficou falando sôzinho. Gritando um “muito obrigada” sem olhar para trás, Lucille correu para o escritório de Goldwyn. Daí a

20 minutos já era dona do emprêgo.

Com entusiasmo delirante mergulhou na vida artística de Hollywood

—O filme em que fui trabalhar levou seis meses a fazer em vez de seis semanas . . . e durante todo êsse tempo *recebi ordenado!* Resolvi ser barulhenta e fazer-me notada.

Quando assinou o primeiro contrato com a Columbia Pictures, telegrafou para a família—mãe, irmão, primo e avô Hunt—para que fôsem morar com ela! Êles foram.

Assim foi que em 1936 se gerou um drama de família cujo desenlace iria estourar em manchetes 17 anos mais tarde—embora no momento se desenhasse apenas como o problema tragicômico de uma família que conta no seu seio um amável excêntrico. Vovô Hunt, que já tinha quase 70 anos quando chegou a Hollywood, sentia-se infeliz naquele ambiente estranho. Um recente derrame cerebral tinha reduzido o seu mundo a pequenas dimensões. Ficava sentado na cadeira de balanço na varanda, preleccionando aos empregados do comércio que passavam por ali.

—Vocês, trabalhadores, são a salvação do mundo!—gritava êle para os caixeirinhos espantados.

Quando os Balls arranjaram uma empregada, o velho invadia a cozinha, interrogava a mulher sôbre o seu salário e berrava:

—Você está sendo explorada por seus patrões!

Vovô Hunt decidiu votar no candidato comunista à presidência da República, e tanto amolou Lucille,

a mãe e o irmão, que os três acabaram se inscrevendo onde o velho queria. Votaram na escolha do candidato, mas não na eleição. Depois dessa fase de atividade política, vovô Hunt sossegou, e com êle a família. (Seis anos depois morreu de novo derrame.)

Em 1937, a linda carinha de Lucille e o seu bonito corpo começavam a aparecer regularmente na tela—umas vêzes em filmes de *cow-boy*, outras vêzes enfeitada com uma torta de creme, atirada pelos irmãos Marx. Por fim conseguiu o papel dramático de uma môça aleijada em "*Big Street*".

—Eu me lembrei simplesmente do que sentia quando pensava que ia ficar aleijada para o resto da vida, e êles puderam filmar a minha grande cena numa tomada só.

Ao tempo em que fêz "*Affairs of Annabel*", já estava estabelecida como "uma espécie de estrêla de segunda classe", segundo suas próprias palavras.

Mas em 1940, depois de ter trabalhado em filmes em Hollywood durante sete anos, Lucille esqueceu todos os problemas passados e futuros em favor de um terremoto emocional: apaixonou-se.

LUCILLE conheceu Desiderio Alberto Arnaz y de Acha III—Desi Arnaz—no palco de filmagem. Aquêl cubano de 24 anos, que chefiava uma orquestra de rumba, era um rapagão trigueiro, bonito, ardente e amável, sempre com uma pilhéria na ponta

da língua. Irradiava simpatia: os jornais o chamavam de "Glamour-boy".

Durante seis meses Lucille e Desi passaram os dias representando juntos no estúdio e namorando depois do trabalho. Os amigos diziam: "Não case com êle: é frívolo e egoísta. É quase seis anos mais môço do que você." E os jornalistas de mexericos começaram a infindável crônica das suas rixas.

O agitado namôro atingiu o seu clímax quando Desi, que trabalhava num espetáculo em Nova York, suplicou a Lucille, que se encontrava em Hollywood, que fôsse ao seu encontro. Propôs-lhe casamento no dia em que ela chegou e casaram-se às dez horas do dia seguinte—com alianças compradas à última hora em uma loja de dez centavos. Foi isto em 30 de novembro de 1940.

Quando viajavam de carro de volta a Nova York, ouviram pelo rádio a descrição do seu casamento. E quando Desi apresentou a noiva no grande palco do Cinema Roxy, para explicar por que faltara à primeira sessão, ouviram dois milhares de vozes gritarem-lhes votos de felicidades, e viram-se metralhados por uma tempestade de arroz, fornecido à platéia pela industriosa gerência do cinema.

Conta hoje Lucille:

—Pus de lado tôdas as minhas idéias sensatas e enfrentei o risco, porque amava muito Desi. Foi a coisa mais arrojada que fiz em tôda a minha vida. O pessoal de Holly-

wood dava seis meses de duração ao nosso casamento; eu lhe dava seis semanas!

De volta à Califórnia, grande parte da vida matrimonial de Lucille e Desi era vivida em público; os dois se amavam e não viam motivos para ocultar êsse fato. Faziam de seis a oito viagens de lua de mel por ano, mostravam aos repórteres os telegramas apaixonados que passavam um ao outro, punham-se aos abraços e aos beijos estivessem os fotógrafos presentes ou não. Além disso, eram ambos ciumentos e pareciam incapazes, por temperamento, de evitar uma briga por qualquer motivo... para logo a seguir fazerem as pazes. Mas por trás da maioria das suas brigas havia um problema grave: enquanto o êxito da mulher aumentava, enquanto Lucille recebia um papel importante atrás do outro, Desi ia ficando encostado.

Certa noite, em 1944, chegaram os dois a uma crise conjugal que ameaçou tornar-se permanente. Um casal que êles convidaram para jantar brigou e a coisa chegou a tal ponto que a mulher gritou soluçando:

—Vou me divorciar!

Lucille e Desi entreolharam-se horrorizados e começaram a pacificar os amigos. Conseguiram afinal que o marido pedisse desculpas, e daí a pouco os dois brigões estavam nos braços um do outro.

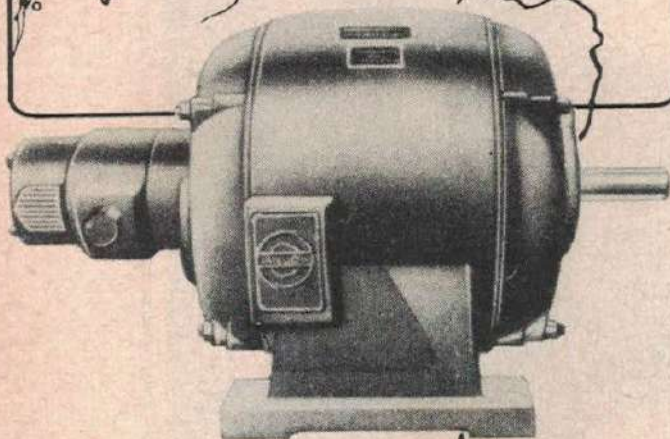
Conta Desi:

—Quando vimos realizada a nossa boa ação, eu e Lucy começamos a rir, recordando nossas brigas passa-

**Dinamos e
alternadores
até 1.000 KVA**

MILTON

**DÃO MAIS FÔRÇA
À PRODUÇÃO
DO BRASIL**



Nova lista
de preços

Condições especiais
para revendedores

**Em estoque
Pronta entrega**

Catálogo grátis

MILTON & VARADY

Rua Camé, 221 - Tel: 9-5695
End. Tel. "Wadyra" - São Paulo

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

das. De repente as risadas pararam e quando demos pela coisa estávamos discutindo a sério. E querem saber qual foi o final dessa noite? O casal de amigos foi-se embora feliz, e eu e Lucy resolvemos divociar-nos!

Dessa vez, quando Desi saiu de casa, furioso, Lucille compreendeu que não poderiam voltar à vida que levavam ultimamente.

—Resolvi topar a maior parada da minha vida: ia divociar-me, pois só um divórcio poderia reunir-nos de novo em bases mais sólidas.

ENQUANTO VIVEU só, durante o processo de divórcio, Lucille dispôs de muito tempo para meditar sobre o casamento.

—Durante vários anos—conta ela—nós tínhamos brigado sem parar. Naquela crise, compreendi uma coisa que não entendera até então: que os homens mudam muito pouco quando casam—que são fundamentalmente incapazes de se ajustarem coisas novas. Cabe à mulher ajustar-se ao marido. É muito mais fácil mimar um homem e fazê-lo feliz do que conseguir governá-lo. Uma vez aceito aquilo como um fato, eu vencera o maior obstáculo que se opõe a um casamento feliz. Desde então meu objetivo na vida tem sido fazer Desi feliz.

Dois meses após a separação, Lucille e Desi se encontraram e resolveram fazer nova tentativa de vida em comum. Evitaram assim o rompimento do seu casamento—mas não aos olhos do público. O processo

A HISTÓRIA DE LUCILLE BALL

de divórcio prosseguia—e êles se meteram num enrêdo que parece um dos mais loucos programas de *I Love Lucy*. Lucille compareceu ao tribunal para a sua audiência preliminar. Do tribunal correu para casa, a fim de preparar o desjejum para Desi.

—Mais tarde, naquele mesmo dia—conta êle—lemos tudo a respeito do nosso divórcio nos jornais. Olhamos um para o outro e começamos a rir.—E acrescenta:—Mas paramos de rir quando recebemos as contas—divórcio é uma maneira muito cara de um casal se reconciliar!

Na Califórnia, a lei exige um ano de espera antes da concessão do divórcio, de modo que o de Desi-Lucille não chegou a se efetivar.

—Daí para cá tenho trabalhado a sério na tarefa de fazer com que meu casamento dê certo—diz Lucille. E, por experiência própria, posso apresentar uma lista de coisas que não se devem fazer: não apresente ultimatoss: é difícil você levantar a cabeça depois que voltou atrás. Nunca esqueça que coisas ditas num momento de raiva raras vêzes exprimem a verdade: são ditas apenas para ofender a outra pessoa. Nunca se recuse a ajustar-se a circunstâncias novas—pois o amor se modifica no correr dos anos. E, acima de tudo, *nunca* ameace com o divórcio. Eu o sei muito bem: divórcio é coisa extremamente fácil de se obter.

DEPOIS da guerra, Lucille ia muito bem com os seus filmes e com um programa radiofônico, *Meu marido*



conquiste o

Sorriso de saúde

eliminando o
"amarelo dos dentes"
com o Creme Dental

EUCALOL



CONSULTE SEMPRE O SEU DENTISTA!

Êle é o grande amigo da saúde... sômente êle poderá vencer as cáries infecciosas e prolongar a vida dos seus dentes. Mas o seu dentista também dirá que você precisa ajudá-lo usando o Creme Dental Eucalol

Sem que você perceba, um tênue "filme amarelo" — uma incrustação ácida — envolve seus dentes e destrói o esmalte. Então, as cáries tornam-se frequentes. Combata êsse perigo, removendo o "amarelo" com o Creme Dental Eucalol... e depois, mostre seus dentes brilhantes com o sorriso de saúde!

Creme dental **Eucalol**

Produto da Perfumaria **MYRTA S. A.** - Rio

favorito, e Desi viajava pelo país com a sua orquestra. Faziam diariamente ligações interurbanas, mas achavam muito pouco satisfatória aquela vida de casados pelo telefone.

—A despeito de tôdas as nossas boas resoluções—conta Lucille—sempre discutíamos—e não há discussão que possa ser resolvida pelo interurbano. Desi calculou que a nossa conta telefônica, naquele tempo, subiu a 29.000 dólares.

Além disso, as telefonistas do interurbano se acostumaram de tal modo às nossas ligações que por fim já se metiam na conversa. Certa vez, no meio de uma rixa animada, a voz da telefonista interrompeu: “Agora chega de briga! Beijem-se e façam as pazes!”

À procura de uma solução que lhes permitisse viverem juntos, fizeram em 1950 o plano de uma *tournee* de espetáculos que duraria 12 semanas.

—Já que ninguém nos oferecia um emprêgo para trabalharmos juntos, resolvemos criar um nós mesmos.

O espetáculo se compunha de uma mistura maluca de palhaçadas de Lucille, canções de Desi e diálogos humorísticos. Parte do tempo Lucille fazia o papel de uma foca amestrada, gania, batia com as nadadeiras e saía do palco de barriga no chão. Obtiveram um êxito instantâneo.

Em junho, depois de trabalharem apenas alguns dias em Nova York, Lucille sentiu-se preocupada e confiou a Desi:

—De repente, dei para me sentir sempre cansada.

Êle abriu-se num grande sorriso: —Aposto que você está esperando um bebê!

Lucille suspirou:

—Qual, depois de dez anos? Mas, de qualquer modo, vou consultar um médico. Na manhã do sábado seguinte ela se submeteu a um exame completo, inclusive a reação com a coelha para ver se estava grávida. Os resultados seriam entregues na segunda-feira.

Êles, porém, souberam do resultado da reação primeiro que o médico. Na noite de domingo, o cronista social Walter Winchell, que recebera a informação de um ajudante do laboratório, deu pelo rádio a notícia de que, “após dez anos de casamento, Lucille Ball e Desi Arnaz esperam a visita da cegonha”. Ouvindo o programa em seu camarim do Roxy, Lucy e Desi abraçaram-se, gritaram, choraram e imediatamente fizeram planos para o futuro.

Desistiram das últimas seis semanas da *tournee* e diminuíram (ligeiramente) as acrobacias de Lucille.

—No episódio da foca deixei de me arrastar de barriga pelo chão—conta ela—mas ainda batia com as nadadeiras e gania. Pois não dizem que a mulher grávida deve continuar fazendo o que normalmente fazia antes?

Assim que se viram novamente em casa, na Califórnia, Desi e um carpinteiro se puseram a trabalhar de manhã até à noite na construção duma ala para crianças na casa de campo que o casal comprara logo

após o casamento. A nova ala tinha o feitio de U, ligava-se pelas duas extremidades ao corpo da casa, com um pátio no centro, e compreendia o quarto das crianças, um banheiro e cozinha para preparar a comida da criança e os aposentos da ama.

—Pensamos até nos anos futuros —conta Desi—e fizemos uma porta de entrada independente para que quando começasse a passear com as namoradas, os garotos pudessem entrar e sair sem incomodar os velhos.

Ainda as obras da nova ala estavam em meio, em julho, quando êles sofreram um desapontamento desolador: Lucille perdeu a criança.

Os amigos, entretanto, descobriram que o casal continuava surpreendentemente animado... é que êles confiavam que outro filho viria breve. Desi, cheio de otimismo, prosseguiu no trabalho, acabando a construção da ala das crianças, enquanto Lucille continuava com o seu programa semanal no rádio, viajava para Nova York para trabalhar na televisão e se preparava para vários papéis no cinema. Continuava entretanto a amolar o seu agente:

—Por favor, arranje um contrato na televisão para eu e Desi podermos trabalhar juntos. *Por favor!*

Exatamente três meses depois de perder o primeiro filho, Lucille descobriu que estava grávida novamente. Completara 40 anos de idade, e desta vez cancelou todos os seus compromissos—nada mais iria atrapalhar a sua maternidade.

—Foi então que decidi—conta ela

—que, a não ser que eu e Desi trabalhássemos juntos, eu nunca mais representaria.

JÁ LUCILLE estava com três meses de gravidez quando recebeu telegrama de seu agente informando-a de que conseguira um contrato com a Columbia Broadcasting System. A CBS faria um filme de experiência para um programa de televisão estrelado por Lucille e Desi e procuraria encontrar um patrocinador.

Como não tivessem nenhum programa preparado, o que se seguiu foi uma corrida louca. Freneticamente, os três autores do antigo programa de rádio de Lucille escreveram, de colaboração, o primeiro programa de televisão do casal. E nesse programa já se continham os principais elementos que viriam a constituir o êxito esmagador de *I Love Lucy*. Desi representava a parte de um regente de orquestra cubano, Ricky Ricardo, e Lucille fazia o papel de sua espôsa Lucy.

Em pleno verão, uma fábrica de cigarros ofereceu-se para patrocinar semanalmente o programa que, entretanto, deveria ser apresentado em filme. Os produtores da CBS levaram as mãos à cabeça, declarando que um programa de televisão filmado custava o dôbro do programa “vivo”. O patrocinador recusou-se a pagar mais, a CBS recusou-se a arcar com a diferença de custo, e tudo caiu em ponto morto, enquanto Lucy e Desi ficavam a olhar um para o outro, desesperados.

—*Faça alguma coisa!*—gritou ela para o marido.

E Desi fêz realmente alguma coisa, revelando um grande talento como empresário. Fundou a Desilu Corporation e assumiu tôda a responsabilidade do programa, com dinheiro adiantado pela CBS. Êle mesmo o dirigiria.

E exatamente nessa hora de confusão máxima da vida dos pais, a 17 de julho de 1951, nasceu Lucie Desirée Arnaz, por operação cesariana.

Desi passou a noite acordado, com o violão no colo, compondo a música da canção hoje famosa: *Há bebê novo aqui em nossa casa*. Depois saiu, comprou um *sedan* Cadillac azul-escuro para substituir o seu conversível amarelo.

—Achei que não seria correto trazer as duas de volta para casa num carro esporte—diz êle.

O PRAZO para a apresentação do espetáculo estava terrivelmente próximo: exatamente três semanas e meia depois da vinda da pequena Lucie ao mundo deveria estrear perante as câmaras o programa *I Love Lucy*. E ainda não dispunham de elenco nem de pessoal nem sequer de local para a filmagem do programa.

Desi, cuja única experiência anterior fôra de chefe de orquestra e cantor, via-se de repente encarregado de tudo. E a forma como se desincumbiu dessa responsabilidade entrou para a história da televisão.

—Nós não dispúnhamos de regras para nos guiarmos—explica êle—e por isso tratamos de inventá-las.

Nove dias antes de se começar a filmagem, um exército de carpinteiros invadiu um velho estúdio cinematográfico e começou a arrancar tabiques, a fim de arranjar espaço para dois gigantescos palcos de som, construindo outro palco permanente de quatro peças e auditório para 300 lugares. Êsse último foi uma feliz idéia de Lucille.

—Sabia muito bem que programas filmados com câmaras móveis nunca haviam tido auditório—disse ela.—Mas também sabia que nós representaríamos muito melhor com uma platéia.

Desi corria de um lado para outro, obtendo licenças e contratando atôres, fotógrafos, técnicos de montagem, maquiladores—o pessoal completo de um estúdio cinematográfico. Lucille e Desi ensaiaram os primeiros diálogos no meio do barulho dos carpinteiros. Uma hora antes de se abrirem as portas do primeiro auditório de uma filmagem sonora—no dia 15 de agosto—o último carpinteiro ainda pregava o último prego.

Então o público foi entrando, e Desi apareceu ao auditório para explicar que assistiriam à filmagem de um novo programa de televisão intitulado *I Love Lucy*. Iria ser filmado do comêço ao fim, em ordem cronológica, de modo que parecesse uma peça teatral. Quando Desi se retirou, os atôres tomaram os seus lugares e começaram as duas horas da filma-

gem. O auditório, satisfeito, sem saber que colaborava num sucesso decisivo, aceitou sem hesitação aquêl novo tipo de divertimento. O grupo de dirigentes da CBS que em duas semanas adiantara cêrca de 300.000 dólares, sob a garantia única da palavra de Desi, e que aguardava uma simples comédia de tipo doméstico como tantas outras, estava, é claro, mais preocupado.

Mas não havia motivo para alarmas. Logo à primeira apresentação, *I Love Lucy* foi considerado um dos dez melhores programas do país. Ao cabo de 20 espetáculos, tornou-se o programa n.º 1 da televisão e assim continua até agora.

SÓ UMA preocupação séria surgiu então na vida de Lucille. A 3 de abril de 1952 foi chamada a depor perante a Comissão de Inquérito sôbre Atividades Antiamericanas do Congresso dos Estados Unidos. O interrogatório, que teve lugar num escritório de Hollywood, referia-se à intenção manifestada pela atriz de votar na chapa comunista, no ano de 1936. Ela explicou o papel desempenhado pelo avô nas suas atividades políticas daquela época e, terminado o rápido inquérito, apertou a mão dos membros da Comissão retirando-se, inteiramente livre de suspeitas. Nem uma palavra da sua entrevista foi repetida fora da sala da Comissão.

Em fins de maio de 1952, quando a Desilu Productions entrava em recesso para umas longas férias de verão, era evidente que o programa

I Love Lucy se havia tornado parte integrante do panorama nacional americano. Nas noites de segunda-feira, às nove horas, quando mais de 40 milhões de pessoas se sentavam diante de aparelhos de TV para assistirem às aventuras de Desi e Lucille, tôdas as atividades do país eram afetadas. Em Nova York, os táxis paravam praticamente. Em Chicago, a loja de departamentos Marshall Field pôs o seguinte cartaz na vitrina: "Nós também gostamos de Lucy, de modo que passaremos a abrir nossas portas têrça-feira à noite, em vez de segunda-feira." Um homem escreveu a Desi: "Nunca lhe poderei agradecer o suficiente por seu programa *I Love Lucy*, que salvou o meu casamento. Antes de conhecer Lucy, eu pensava que minha mulher era maluca. Hoje compreendo que tôdas as mulheres são assim mesmo!" *I Love Lucy* varrera o país como um furacão.

Aí estourou nova bomba: Lucille esperava criança novamente.

Radiante, mas consciente do fato de que ficaria grávida durante tôda a temporada de outono, Lucille telefonou para o seu produtor de televisão, esperando uma explosão de pessimismo. Em vez disso, o produtor fêz um comentário que ficou famoso nos círculos teatrais:

—Caramba, que bomba de publicidade!—exclamou.—No programa Lucy Ricardo vai esperar a cegonha também!

Com essas palavras abria caminho para outra quebra da tradição teatral

pela dupla Desilu: nunca, anteriormente, nas telas dos Estados Unidos, uma atriz grávida desempenhara o papel de mulher grávida.

Entretanto, como o assunto era muito delicado, resolveram submeter o roteiro de cada programa a um padre católico, a um ministro protestante e a um rabino. Se êles achassem condenável qualquer referência à gravidez, essa referência seria cortada. Os autores do programa, chamados apressadamente de suas férias, prepararam convenientemente os novos textos. Os três sacerdotes nada viram de condenável—exceto a decisão da CBS de substituir a expressão “gravidez” por “estado interessante”.

—Que é que tem demais a palavra “gravidez”?—perguntavam êles.

E como o médico de Lucille marcará o dia 19 de janeiro, segunda-feira, como a data provável do nascimento da criança (como no caso da primeira garôta, seria necessária uma operação cesariana), resolveu-se que, na mesma data, o filho de Lucy da TV nasceria durante o programa *I Love Lucy*. E como Desi, na vida real, desejava muito um filho homem, resolveu-se igualmente que o bebê da TV seria um rapaz. O programa foi filmado com antecedência, a fim de que Lucille pudesse repousar nos últimos meses de gravidez. E tôdas as pessoas que haviam colaborado na filmagem juraram guardar segredo de tudo.

A 14 de janeiro de 1953, quando os repórteres descobriram que o

filho do casal Ricardo, no programa *I Love Lucy*, “nasceria” na segunda-feira seguinte, começou o movimento. Parecia que uma corrente elétrica atravessara as redações de jornal de todo o país: talvez o filho real de Lucille Ball nascesse também nesse dia! Por tôda a parte os repórteres pegavam no telefone, centenas de chamadas eram feitas para a residência, o escritório e o estúdio dos Arnaz. Uma voz após outra dizia: “É a grande história de interêsse humano do nosso tempo. Quando é que ela vai para a maternidade?” Os jornais publicavam boletins de hora em hora e faziam-se apostas quanto ao possível sexo da criança.

Enquanto isso, aquêles que eram o alvo de todo êsse interêsse, mantinham-se longe dos telefones. Secretamente, na noite de 18 de janeiro Desi levou Lucille para o hospital.

Às oito horas da manhã seguinte Lucille foi informada:—É menino!

Murmurando: “Desi vai ficar tão contente!” ela adormeceu no mesmo instante, completamente inconsciente às horas de delírio universal que acompanhariam a chegada ao mundo de Desiderio Alberto Arnaz y de Acha IV.

Do lado de fora da sala de operações Desi ficou louco de alegria. E os jornais também pareciam loucos. Em tôda a parte no mundo saíam manchetes com a notícia. O hospital foi literalmente inundado de flôres—o quarto de Lucille, todos os corredores do andar, as escadas que levavam ao andar de baixo e os corredores de

baixo também. A mesa telefônica do hospital parecia uma árvore de Natal, tantas eram as luzes que se acendiam. E na noite dêsse mesmo dia, 40 milhões de americanos sentavam-se diante dos seus aparelhos de TV para assistirem à chegada de Ricky Ricardo Junior no programa *I Love Lucy*.

Mas isso era apenas o começo: 30.000 fãs escreveram a Lucy felicitando-a pelo nascimento da criança. (Ela recebeu também 207 cartas reprovando a exibição da gravidez na televisão). Contando cartas, telegramas, presentes e chamadas telefônicas, o casal Arnaz recebeu um milhão de demonstrações do interesse público—cifra nunca alcançada, nem de longe, no mundo artístico. Sapatinhos de bebê, toucas, camisas e lençóis chegaram em tal quantidade que foram mandados em caminhões para instituições de caridade.

No dia seguinte ao do nascimento do garoto, Dwight D. Eisenhower foi empossado na presidência dos Estados Unidos e o cronista Walter Winchell pôde fazer o seguinte comentário no seu programa de domingo à noite:

“Foi uma grande semana: a nação ganhou um homem e Lucy ganhou um menino.”

SE HOUVERA alguma dúvida antes, Lucille provou mais uma vez que tinha a constituição de um cabrito montês. Oito semanas depois do nascimento de Desi IV já estava novamente no estúdio fazendo filmes para *I Love Lucy*. (Agora há mais dois

novos atôres no programa: Richard e Ronald Simmons, irmãos gêmeos, que se revezam no papel de Ricky Jr.) E logo que o verão proporcionou um período de repouso ao pessoal da Desilu Productions, ela e Desi apresentaram-se nos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer para iniciarem a filmagem, que iria durar seis semanas, da película *The Long, Long Trailer*,* a primeira em que atuavam juntos depois de 13 anos de casados.

Enquanto isso, a Desilu Productions expandia-se enormemente e produzia novos espetáculos. Florescia também uma segunda emprêsa, a Desilu Inc., que trata da fabricação e venda de objetos marcados com o rótulo *I Love Lucy*. Em 1953, os rendimentos do casal Arnaz, antes do pagamento do impôsto de renda, passaram de um milhão e meio de dólares. Lucille Ball percorrera um longo caminho desde os tempos em que escondia pãozinhos na bôlsa vazia.

EM SETEMBRO de 1953, entretanto, desencadeou-se uma tempestade de publicidade negativa, ameaçando arrancar tudo a Lucille, inclusive até a sua oportunidade de representar.

Na segunda quinzena de agosto, poucos dias depois de sua chegada a Del Mar Beach, Lucille Ball recebeu um chamado da Comissão de Inquérito sôbre Atividades Anti-americanas: queria ela comparecer

* Do livro de Clinton Twiss, condensado em Seleções de junho de 1952, sob o título: “Viajando com a casa nas costas”.

voluntariamente a uma reunião secreta da Comissão, em 4 de setembro, em Hollywood? "Desejamos apenas reexaminar as declarações feitas pela senhora a esta Comissão no ano passado."

No dia 4 de setembro Lucille compareceu à sala da Comissão. Novamente declarou que só registrara sua intenção de votar na chapa comunista para satisfazer ao seu avô. Novamente descreveu a personalidade estimável e vigorosa do avô:

—Nós não discutíamos muito com ele porque o velho já sofrera dois derrames e, se se exaltasse, poderia ser vítima de mais um. Nunca contribuí monetariamente, nunca assisti a reuniões nem tive o menor contato com pessoas ligadas ao comunismo. Em nenhum período de minha vida senti qualquer afinidade com o comunismo ou algo parecido.

Após duas horas de interrogatório foi encerrada a audiência com apertos de mão de todo o mundo. Pela segunda vez Lucille estava livre de qualquer suspeita. Recebera também garantia de que o seu depoimento seria mantido em segredo.

Mas dois dias depois, numa tarde de domingo, 6 de setembro, quando ela e Desi ligavam o rádio para o programa dominical de Walter Winchell, receberam um choque que os gelou: "A mais popular das nossas estrelas da televisão é interrogada pela sua filiação ao Partido Comunista."

No dia seguinte, segunda-feira 7 de setembro, a crônica escrita de Winchell, divulgada por uma enorme

cadeia de jornais, veiculava a mesma acusação. Na quarta-feira, o cronista Jack O'Brian, do *Journal-American* de Nova York, fazia êste comentário crítico: "Lucille Ball anunciou que tenciona aposentar-se dentro de cinco anos. É possível que se aposente mais cedo do que supõe."

Na sexta-feira, 11 de setembro, o escândalo rebentou mesmo.

ERA O DIA marcado para a filmagem do primeiro programa *I Love Lucy* da temporada de outono. Quando Lucy saiu da cama, pela manhã, olhou preguiçosamente para a janela e viu dois homens estranhos. Acordou Desi rapidamente. Ainda de pijama, Desi foi à porta de entrada e perguntou aos homens o que queriam. Eles se identificaram como repórteres de polícia do *Herald Express* de Los Angeles e disseram que desejavam "conversar com Miss Ball a respeito das suas atividades comunistas".

Espalhará-se por todos os jornais do país que estava para rebentar uma das maiores notícias do ano. E na hora em que Desi e Luci entraram no seu carro pelos portões do fundo do estúdio, os escritórios da frente estavam apinhados de repórteres. Em todo o estúdio os telefones tocavam como uma sinfonia. Ao meio-dia o *Herald Express* saiu com a manchete:

"LUCILLE BALL DECLARADA COMUNISTA"

Enquanto isso, o objeto de todo êsse furor preparava-se enérgica-

mente para a filmagem do *I Love Lucy* daquela noite . . . pois, a despeito de todo o nervosismo, o primeiro programa da estação tinha de ser preparado na data exata. Obedecendo à opinião de Desi de que a primeira declaração à imprensa deveria partir da Comissão de Inquérito sobre Atividades Antiamericanas, Lucille manteve-se afastada dos repórteres durante todo o dia, entregando-se, rìgidamente controlada, a horas e horas de ensaios. Em tórno dela os atôres e o pessoal técnico procuravam simular que aquêle era um dia como outro qualquer . . . embora todos soubessem que o enorme estúdio corria perigo de ser fechado para sempre. Ninguém discutiu a crise com Lucille.

Mas a crise existia. Todos esperavam uma mensagem. E dessa mensagem dependia o destino de Lucille. Se o patrocinador cancelasse o contrato, a carreira de atriz de Lucille Ball estaria cortada de um golpe: como suspeita de ser comunista simpatizante, ela não encontraria trabalho em qualquer outra rède de televisão. E ambas as corporações *Desilu* afundariam, levando consigo milhares de pessoas e os milhões de dólares nelas empregados.

Eram três horas da tarde quando veio um chamado de Nova York. Desi pegou o telefone e escutou a sentença do patrocinador: "Se os fatos são apenas os que surgiram até agora, podem contar cem por cento com o nosso apoio."

Com um nó de emoção na gar-

ganta, Desi desligou e correu para dar a notícia a Lucille. Por um instante, as lágrimas umedeceram os olhos dela. Depois, em voz cuidadosamente controlada, falou:

—Ótimo. Vou voltar ao trabalho.

Sempre mantendo o mesmo domínio sobre si mesma, ela continuou com o seu ensaio.

Duas horas depois realizava-se num hotel de Los Angeles uma entrevista coletiva da imprensa. Donald L. Jackson, representante da Comissão de Atividades Antiamericanas, declarava que Lucille Ball estava completamente livre de qualquer suspeita de atividades comunistas.

Mas a prova mais dura ficara reservada para a hora em que Lucille deveria defrontar-se com o seu público à noite. Espalhados por entre os 300 espectadores havia dezenas de repórteres, que ali tinham ido com o propósito de observar a reação do auditório. Lucille esperava nos bastidores, lívida, quase a desmaiar.

Desi surgiu em cena para o seu habitual bate-papo de início, aparentemente tão calmo e despreocupado como sempre. Mas, em lugar das suas pilhérias de costume, fêz um discurso de improvisado para a platéia insòlitamente silenciosa:

—Dou-lhes as boas-vindas ao primeiro programa *I Love Lucy* desta temporada. Mas, antes de prosseguirmos, quero falar-lhes sobre um assunto sério. Um assunto muito sério. Todos vocês sabem do que se trata. Os jornais não têm falado em outra coisa.

A voz lhe falhou. Fêz uma pausa

e continuou quase com ferocidade:

—Lucille não é comunista. Ambos detestamos o comunismo e tudo o que êle representa. Amanhã publicaremos a reprodução literal do depoimento de Lucille, e vocês mesmos o poderão ler. Não de ver, então, que isso tudo é um amontoado de mentiras.

Desi teve que parar: o auditório pusera-se bruscamente de pé e aplaudia ruidosamente. Um homem gritou:

—Nós estamos com você, rapaz!

Mais calmo, Desi apresentou as outras figuras do elenco e acrescentou:

—E agora quero apresentar-lhes a minha espôsa favorita—a minha ruiva favorita . . . por sinal que os cabelos vermelhos são a única coisa vermelha que ela tem . . . e assim mesmo são pintados! Aqui está Lucille Ball!

Rìgidamente, Lucille caminhou para a luz dos refletores e foi alvo de delirante ovação. Incapaz de falar, a emoção estampada em seu rosto, ela deu meia volta e correu para os bastidores.

Durante as duas horas seguintes ela e Desi representaram a alegre comédia que se filmava para o primeiro programa da nova série. Quando terminaram, a assistência aplaudiu entusiàsticamente. No seu camarim, finalmente, Lucille desabou numa torrente de lágrimas.

Durante várias semanas, todos os interessados nas emprêsas *Desilu* se mantiveram de atalaia, inquietos, esperando qualquer demonstração de desfavor público; mas não se regis-

trou quase nenhuma. Pela segunda vez Lucille Ball foi eleita a “Mulher do Ano” da televisão. Em novembro, ela e Desi foram a Washington representar para o Presidente Eisenhower e outros grandes da política. E, acima de tudo, a classificação do programa *I Love Lucy* não sofreu a menor queda: continuou sendo o número um.

A VIDA DE LUCILLE voltou à sua rotina de costume: quatro dias por semana no estúdio ensaiando e representando o programa *I Love Lucy* e os fins-de-semana desocupados, na casa de campo, dedicando às crianças todo o tempo de que pode dispor. E mesmo quando os garotos estão na ala construída para êles, as suas vozes chegam até ao corpo principal da residência através de diversos aparelhos de intercomunicação instalados em vários aposentos.

—Eu e Desi achamos que nunca vivemos realmente antes de têmos filhos—admite Lucille.—De repente tivemos uma razão para tudo . . . êles valem todos os sacrifícios, e todos os esforços que fazemos são para êles. Antes de êles nascerem, se fazíamos algo de errado isso não tinha importância. E, suspirando, acrescenta:—Nunca posso olhar para os nossos filhos sem pensar nos longos anos em que ansiamos por êles. E, me acreditem, se *eu* pude ter filhos, qualquer pessoa pode tê-los também!

Tanto ela como Desi ficam surpresos quando alguém se admira por êles não viverem com maior aparato.

—Mas nós temos tudo quanto queremos! Só temos duas empregadas em casa, a ama e a cozinheira, que é também copeira. Na garagem há um carro—o *sedan* azul Cadillac 1951.—Acho que o nosso maior luxo é possuímos cinco aparelhos de televisão—acrescenta Desi.

Não há dúvida, porém, de que o tremendo êxito do casal alterou radicalmente a vida dêles.

—Nossa intimidade desapareceu por completo—confessa Lucille.—Os fãs consideram os artistas de televisão como seus amigos pessoais; vêm de automóvel à nossa casa, trazem as crianças e ficam sentados durante horas na nossa sala de estar.

Ela, contudo, mostra-se profundamente grata às demonstrações de amizade que lhes prodigalizam os seus admiradores.

—Quando perdi meu primeiro filho, recebi 2.867 cartas de fãs. Agradei eu mesma a tôdas, embora gastasse cinco meses para dar conta da tarefa. Essas cartas me animavam, eram de gente que rezava por mim, gente que compartilhava a minha tragédia. Descobri que as pessoas que nós ajudamos durante a vida não nos podem ajudar. Mas alguém o faz por êles.

Em diferentes maneiras, a religião ocupa o seu lugar na vida de ambos. Desi, que sempre foi católico praticante, assiste à missa todos os domingos e à noite reza pelos filhos:

—Eu acredito na oração—diz êle.
—Uma das citações da Bíblia que

melhor se adapta à vida teatral é esta: “Aquêle que se humilha será exaltado.”

Lucille é protestante, mas não vai à igreja regularmente.

—Eu tenho uma espécie de religião infantil . . . aquela de Deus-te-faça-uma-bo-pequena. Eu creio em Deus de todo o coração e procuro sempre lembrar-me de Lhe dar graças por tôdas as coisas maravilhosas que me proporciona. Mas fico encabulada de falar com Êle, após meses de silêncio, só para Lhe pedir alguma coisa.

Sempre se surpreende quando alguém a elogia pela sua longa luta na escalada do êxito.

—Eu nunca achei que fôsse uma luta—diz ela enfaticamente.—Qual foi a dificuldade? Fui bem paga enquanto aprendi o meu ofício. Além disso, nunca me confiaram uma tarefa antes que eu fôsse capaz de dar conta dela. Entretanto, algumas garôtas que começaram comigo faziam questão de ir logo para o galarim, de brilhar, antes de estarem preparadas para isso. O êxito é mais difícil de enfrentar do que o fracasso . . . nós estamos todos acostumados ao fracasso.

E Lucille interrompe o que diz para olhar os dois filhos que brincam no chão e dar uma espiada à cozinha, onde Desi está “cozinhando de ouvido”. E então acrescenta:

—O verdadeiro símbolo do êxito é uma família sadia e feliz. Muita gente não sabe quando é feliz. Graças a Deus, eu sei.

